

Notas e informações**As duas faces de Janus**

Sarney

A soma de circunstâncias, algumas acabrunhantes, que cercaram o início do governo José Sarney impediu se fizesse juízo correto sobre qual o sentido que s. exa. pretendia imprimir à sua política. A agonia do presidente eleito (fato que se transformou na pedra de amarração em que, sublimadas, se juntaram todas as frustrações do povo) não permitiu que desde 15 de março se definisse que rumo adotaria o governo, tanto mais que a dignidade pessoal do sr. José Sarney, além das conveniências políticas, aconselharam s. exa. a manter a seu lado os ministros que o acaso lhe havia imposto.

Acontecido o pior e passado o trauma, imaginou-se que o presidente da República adotaria providências para reunir em torno de si — os ministros da Casa mais o ministro da Justiça — pessoas que ao menos respondessem de maneira positiva à visão que tinha dos problemas brasileiros. Mais uma vez a dignidade pessoal, agora somada à consciência das dificuldades políticas, impediu-o de agir, reformando o Ministério — atitude na qual não foi correspondido, pois até hoje ministros não atendem solicitações da Presidência e o ministro da Administração não consegue saber, por falta de informações, quantos funcionários existem no País. A administração virou uma Pasárgada — embora cercada aqui e ali por hostes hostis, ou deixando enredar-se, por falta de experiência, na escuridão das Noites de Asa Branca...

Esse período de sete meses serviu ao menos para que se pudesse consolidar, aos observadores mais chegados às evoluções da biruta política, o estilo de governo presidencial. Desconte-se o grupo da *copa e cozinha*; trate-se com a devida condescendência a existência dos *marimbondos* — são fatos normais, que uma disciplina mais severa poderá reduzir a dimensões insignificantes e incapazes de atrapalhar o andamento da administração. O que ao longo desses meses se definiu e consolidou foram as *duas faces de Janus*: uma posta no futuro, outra no passado.

Talvez faltem ao presidente algumas das qualidades que levaram Saturno a permitir que o mais antigo rei do Lácio fosse representado dessa maneira; o que não impede distinguir claramente que o presidente tem demonstrado sagacidade desde que se elegeu deputado federal e, depois de tantas voltas da política nacional, governador de seu Estado, onde realizou a modernização possível, venceu oligarquias recalitrantes, estabeleceu seu estilo pessoal de governo e firmou sua própria liderança.

Para onde olha Janus, quando se volta para o passado? A pergunta não é descabida, pois não se entenderá a política que o presidente desenvolve se não se tiver em mente que existe nela forte conteúdo nostálgico, do Brasil do fim dos anos 50, quan-

do o jovem deputado chegou à corte. Sarney-Janus olha para o populismo sob o qual se formou, verdade que na oposição a Vargas e depois a Kubitschek e Goulart. Vistas as coisas com a tolerância dos anos passados, naquelas condições de temperatura e pressão o populismo permitia ao governante ser amado e não temido porque as tensões sociais, mesmo quando na aparência fossem grandes, estavam sob o controle estrito do Ministério do Trabalho; porque os problemas brasileiros eram grandes (pela dimensão do território), mas pequenos pelo número restrito de pessoas que deles tomavam conhecimento e os discutiam (podendo, assim, ser administrados mais facilmente); porque o povo ainda tinha respeito tradicional pela figura da autoridade suprema no Estado (seria curioso verificar quando se deixou de chamar o chefe de Estado de "chefe da Nação" ...).

Não apenas isso definia a tranqüilidade do clima populista; esses eram os aspectos externos. Governar, naqueles tempos, apesar de quanto a UDN gritava por soluções duráveis, e apesar de quanto se podia ler de críticas candentes à organização social e estatal nos escritores de cunho autoritário ou esquerdista, era simples: a economia não se havia imbricado no mundo como hoje, o nacionalismo tinha ainda razão de ser política, pois não trazia prejuízos econômicos, admitia-se dizer ao Fundo Monetário Internacional que não se intrómetesse no Brasil — e a inflação podia crescer sem que ninguém se assustasse (a não ser Gudin, Gouvêa de Bulhões, Roberto Campos e alguns outros poucos, entre os quais, nós). Olhando para trás, Sarney-Janus só vê as razões que fizeram todos os Príncipes daquele período amados e nunca temidos. Por isso assim pretende ser, no futuro.

Janus, porém, tinha duas faces — e mesmo que as tempestades do tempo as tenham desfigurado, existe também a que olha para o futuro. Que vê? Antes de buscar a resposta, cabe indagar: terá o olhar lançado sobre o passado o condão de influenciar a percepção da paisagem que se abre à frente? Saturno hoje talvez se desiludisse, pois tudo leva a crer que Sarney-Janus encara o futuro com olhos do passado. Quem analisa seus pronunciamentos e as atitudes de *comunicador* que principia a adotar vê que recorre aos estereótipos daqueles que o impressionaram — e impressionaram por ser amados. Não é curioso que não guarde de Castello Branco, figura respeitadora das liberdades (apesar dos pecados que somos capazes de apontar) e intransigente no resguardo da autoridade presidencial e na defesa da soberania nacional, qualquer lembrança? Não chega a ser preocupante a fixação no passado, quando o valor da moeda importava pouco, valendo mais a visão alegre das multidões (bem menores e mais civilizadas, diga-se de passagem) que in-

gressavam no mundo do consumo de massas?

O Janus que olha o passado se esquece de que houve momento em que tudo aquilo que fez o Príncipe amado se apagou, e em que a insistência em ser apenas piedoso culminou com as grandes crises de 1963 e 1964, com a destruição da hierarquia nas Forças Armadas e a perda de sentido da atividade produtiva. O futuro não pode ser encarado nunca mais sob os olhos populistas do passado — pela simples e boa razão de que a situação mudou. Perdoe-nos o presidente se lhe lembramos lições já tomadas, mas os sindicatos já não obedecem ao ministro do Trabalho (CUT e Conclat, pelo contrário, parecem porfiar em ver quem desafia mais o governo); as greves, por consequência, nem sempre são administradas das Delegacias Regionais do Trabalho. A economia não é mais paroquial: em alguns casos é planetária, enfrentando a concorrência de quase todos os países, lutando por colocar seus produtos nos Estados Unidos, no Mercado Comum, no Japão. A moeda, essa perdeu totalmente seu valor — e no entanto Janus que vê o futuro não se toca com isso. Deveria fazê-lo, no entanto, pois a lição que se deve reter do passado, a única visão que a face de Janus que olha para trás pode transmitir à que vê o futuro, é aquela inspirada na reflexão que fez Raymond Barre: "Mas uma moeda sólida e estável não depende da organização do sistema monetário internacional. Não depende da firmeza das outras moedas. Não depende da sustentação dos outros bancos centrais. Não depende de empréstimos mais ou menos maciços no Exterior. Uma moeda sólida e estável depende da estabilidade econômica e social de um país, da credibilidade de sua política econômica e financeira, de sua ampla participação nas trocas internacionais de bens, serviços e capitais. Eis por que vale mais pôr ordem na casa antes de reclamar um sistema monetário internacional estável, que aliás só pode funcionar se os países que dele participam respeitarem todos certo número de regras. Essa era a significação dos acordos de Bretton Woods. Um país, no fim de contas, não pode encontrar recursos senão nele mesmo. Ele tem sempre a moeda que merece".

A contemplação do passado deveria levar Sarney-Janus a verificar que os governantes amados não desejaram pôr a casa em ordem. O único que desejou fazê-lo, e o conseguiu, sendo temido e respeitado a um só tempo, foi o presidente Castello Branco. A face de Janus que o presidente Sarney volta para o passado não vê o primeiro presidente do ciclo autoritário; a que se projeta para o futuro será capaz de discernir o que significa a retomada da taxa de inflação de dois dígitos, depois do discurso do triunfo?